



**JOSÉ DO PICO ORJAIS**

É professor de música no colégio "O Areal" de Camarinhas e membro do Colectivo Arma-Dança.



## MÚSICA POPULAR

# Organologia

## *Pandeireta, pandeiro ou adufe*

José do Pico Orjais

**H**ombostel e Sachs basearam-se no modo como os instrumentos produzem o som para classificar-los em quatro grupos básicos: idiofones, membranofones, cordofones e aerofones. Os dois primeiros constituem o grupo que comumente chamamos percussão.

A pandeireta define-se como um instrumento unimembranofone de percussão direita. Dado que o aro tem ferrenhas que ao tocar produzem som, a pandeireta poder-se-ia incluir também nos idiofones de agitação.

O pandeiro é um instrumento bimembranofone de percussão direita.

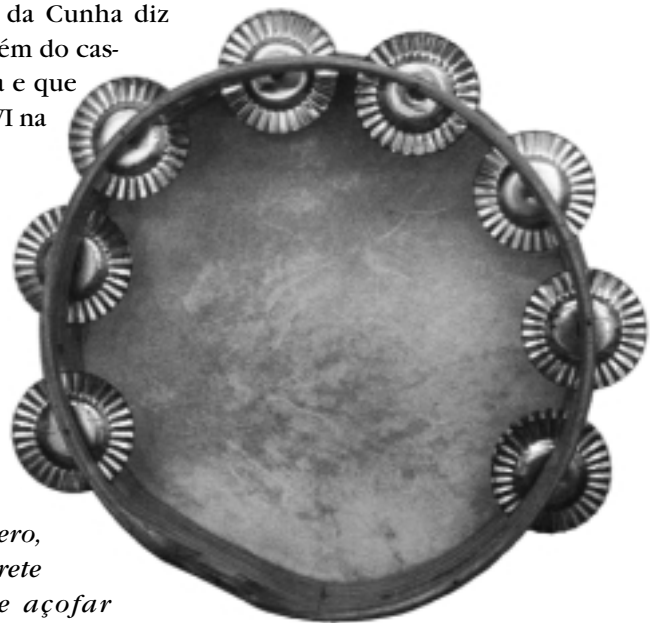
Um dos primeiros vestígios para fazer uma breve história destes dois instrumentos atopamo-las nos estudos etimológicos:

António Geraldo da Cunha diz que o termo provém do castelhano pandereta e que aparece no sec. XVI na forma pãdereta.

No castelhano documenta-se pela primeira vez em 1330 no Libro del Buen Amor com o sufixo moçarabe -ete:

*“Dulce caño entero,  
sal com el panderete  
com sonajas de açofar  
façem dulce sonete”*

Este dado, além de ser o primeiro testemunho, também é importante pela informação que dá sobre o material com que se elaboravam as ferrenhas (açofar = latão).



*Pandeireta*

Em 1582 segundo documento apresentado por José Figueira Valverde, num festejo do Córpus em Compostela, saía em procissão a “Cofradia de los tecelanes, con su danza de veinte mozas, con sus pandeiretas y adufes, muy bien compuestas”.

Contudo nos séculos XVI e XVII o nome mais comum do instrumento deveu ser ferrenhas. Baseamos isto em documentos importantes:

-Em *Notas Vieias Galicianas* podemos ler contratos que se fazem a ferrenheiros em Noia a 19 de Junho de 1579 e em Betancos a 19 de Outubro de 1624, 27 de Maio de 1644 e 9 de Junho de 1645.

-Nos vilancicos galegos, usa-se frequentemente ferrenhas e não é até quase 1800 que se empregará pandeireta (sufixo -eta).

Ainda em Pintos podemos ler em *A Gaita Gallega*:

*E mulheres que cantando  
E castanholas mexendo  
Se espotricam com as ferrenhas  
Repenicam o pandeiro.*

Ferrenhas era uma metonímia de pandeireta, nomeando a parte pelo todo. Embora a definição que de ferrenhas nos proporciona Inzenga não pareça corroborar isto: “usam um género de instrumento acústico. Chamado pelos galegos ferrenhas e em Castela sonajas, muito parecido ao sistro que usavam os sacerdotes de Isis”

O primeiro documento que o dicionário Vox dá de pandeireta (sufixo ~eta) é dum romance de Juan Meléndez Valdés (1754-1817):

*...y cual em medio de todos  
repica la pandereta.*

Também nos diz (o dicionário Vox) que a Real Academia Espanhola não incorpora o termo até 1884.



*Detalhe de mulher tocando a mão aberta.*



*Pandeireta tocada a mão aberta.*

Na Galiza a primeira referência que encontramos é em Castro de Neira (Mondonhedo 1771-1816) quem num vilancico infelizmente sem datar empregara já o termo em -eta.

Depois de fazer-lhe a vénia  
A gaita podes sacar  
E nosoutros pandeiretas  
Para foliada começar.

Curiosamente na altura há a variante:

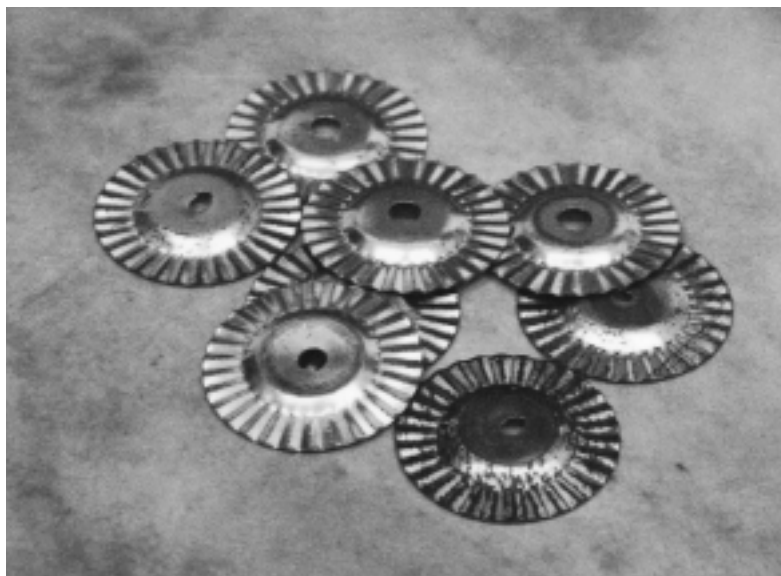
*Depois de ver ao menino  
A gaita podes tocar  
E nosoutros as ferrenbas  
Para logo a festa começar.*

Quanto á iconologia, a mais antiga na Galiza haverá que a buscar no cancionero de Ajuda.

Neste pequeno escudo histórico não nos é possível aprofundar questões de tipo morfológico, em modos de interpretação, aprendizagem, etc. Só é importante dizer que em toda a iconografia vista, até a mais antiga, nunca a mulher ou o homem toca com punho, mas com a mão aberta.

Coromines data pela primeira vez a palavra pandeiro em 1335.

*Pandeireta tocada como punbo.*



*Ferrenbas.*

Diz que em fontes moçárabes se atopa frecuentemente com a forma pandáir. Fá derivar do latim tardio PANDORIUM, e esta do grego pandurion, pandûra: "espécie de alaude de três cordas". Se a procurarmos no português, Da Cunha diz-nos que vem do castelhano pandero, com a mesma etimologia que a de Coromi-

nes, e documentado no XVI. A fonte castelhana encontra-se no Arcipreste de Fita (c. 1283-c. 1350);

*Las triperas le acogen tañendo  
sus panderos  
Caçadores de dote recorrem los  
oteros.  
Libro de Buen Amor*





*Moça tocando o pandeiro.*

A fonte portuguesa talvez seja Gil Vicente:

*Em cada casa pandeiro  
A gaita em cada palheiro  
A cada porta um terreiro,  
Cada aldeia dez folias.  
Cgda casa atabaqueiro  
Tambor em cada moinbo...*

Adufe é uma palavra de possível origem árabe, dull, e que na General Estoria, s. XIII, aparece como adufle.

Também no século XIII Martim de Ginzo cantava:

*A do muy bom parecer  
Mandou aduffe tanger  
Louçana de amores moyreu  
(...)*



Santo Isídoro, nas etimologias nomeia um instrumento chamado pandurio e na Bíblia (Éxodo 15, 20; livro de Samuel, I, 18, 7, Juízes, 11, 34) outro chamado tóph.

A iconografia mais antiga na Galiza vémo-la no tímpano da Igreja de São Miguel do Monte (Serra do Faro) em Chantada, s. XII.

“Na parte esquerda há um homem sentado no que parece ser um leão deitado. Este homem está tocando uma viola ou rabel. À sua direita há uma mulher a dançar e tocando as castanholas, fazendo uma contorção exagerada do corpo. Por cima deles, devido à adaptação das figuras ao espaço atópa-se um homem tocando o pandeiro quadrado”. *A Grilleira*.

## APÉNDICE

Em muitos trabalhos sobre a pandeireta e o pandeiro diz-se que os dois são exclusivamente instrumentos musicais femininos. Isto historicamente não é assim. Basta ver os contratos dos ferrenheiros ou o tímpano de São Miguel do Monte, onde um homem toca o adufe.

Para quem quiser fazer um trabalho sobre este aspecto em concreto quero fazer algumas reflexões.

Possivelmente é a gaita o instrumento mais sexista pois não disponho de dados de mulheres gaiteiras antes da época contemporânea. O violino ou a sanfona são também principalmente instrumentos para homens, mas há documentos contra; em duas fotografias sem data (principios de século) do fascículo nº 8 da *História da literatura Galega de “A Nossa Terra”*, vêem-se duas violinistas cegas, uma delas de Mondonhede. Também numa gravura de Pradilha (s. XIX) bem conhecida, vê-se uma mulher com os olhos fechados (cega?) tocando a sanfona, ante um grupo que come e bebe vinho por malga. Ainda que esta última gravura possa ser fruto da inventiva do Pradilha, está claro que o século XIX com períodos liberais, a chegada do progresso e a desamortização foram relaxando os costumes e as mulheres puderam dedicar-se a ofícios até então proibidos. Além disso, foi o século onde começaram as grandes vagas migratórias e muitas mulheres ficaram sós com os seus homens no ultramar pelo trabalho ou pelas guerras.

Antes disso parece haver uma presença pública da pandeireta e o adufe, e outra privada ou doméstica. As mulheres tocam a pandeira nas “fiadas e outros ofícios da noite nas suas casas”, enquanto o homem ganha dinheiro e assina contratos.

Em 1782 o cónego, dignidade de Cardeal Maior da S.M.I. de Santiago, D. Andrés Sobrino Taboada, fez ao pároco de Saizar a seguinte prevenção, que mostra às claras qual era o espírito da época:

“Exhorte a sus feligreses que eviten por todos medios las congregaciones y juntas de jóvenes de ambos sexos, que son muy comunes en esta parroquia, con motivo de hiladas de lino y lana y frecuentes las malas y funestas consecuencias, secuela de semejantes juntas, y que se mantienen no solo en día sino hasta la mayor parte de toda la noche, en que facilitan su descanso las personas mayores, pero lo resisten los jóvenes de ambos sexos, mezclados con la libertad que quieren, en danzas, en juegos y en una palabra, en lo que se les antoja, como que no tiene freno. Opónese a la crianza cristiana, piérdese la vergüenza y el celo del honor, prenda del sexo femenino...”

Também o Bispo de Mondonhede, a 25 de Marco de 1738 dirigiu-se ao Ouidor Decano da Audiência nos seguintes termos:

“(... ) Para evitar estos daños ha prohibido el acuerdo, por punto general,

que las mujeres solteras habiten por si y sobre si, solas y que se junten a hacer hiladas y otros oficios de noche en sus casas, mandando que cada una viva en compañía de sus padres o parientes o amos a quienes sirvan (... ) que remitam a esta casa de corrección las mujeres que con el título de bodeguras viven por sí solas, causando escándalo notorio por su incontinencia, extendiéndola a las damas que por su conducta lo merezcan...”. Por último se lhes proibia às mulheres ir trabalhar a Castilha ou às romerias a não ser que fossem na companhia de “esposo, padre o pariente” e de incumprir esta lei (5 de Julho de 1776) “las prendan en las cárceles públicas”, e todo isto porque são conhecidas “las pérdidas y ruinas así espirituales como temporales, como la experiencia lo demuestra, que estos eventos provoca, y que después de perderse el santo temor de Dios, que es lo principal, la honra padece innumerables desfalcos.”

Com este panorama a mulher tinha poucas possibilidades de dedicar-se a actividades músico-profissionais.

A razão para que apareçam as primeiras mulheres sanfonistas ou violinistas, como já dissemos, pode ter sido a relaxação de costumes e a perda de poder da Igreja na Galiza depois da desamortizarlo. Também haveria que valorar a hipótese de que mulheres sem valimento com a perda da vista tiveram que ganhar a vida de qualquer jeito. Mas isto são simples suposições.